

VIDA: SIMULANDO VIOLÊNCIA DOMÉSTICA EM TEMPOS DE QUARENTENA

Lúgia Mori Madeira

Professora associada do Departamento de Ciência Política; coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); e bolsista de produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). *E-mail:* <ligiamorimadeira@gmail.com>.

Bernardo Alves Furtado

Técnico de planejamento e pesquisa na Diretoria de Estudos e Políticas Setoriais de Inovação e Infraestrutura (Diset) do Ipea; e bolsista de produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). *E-mail:* <bernardo.furtado@ipea.gov.br>.

Alan Rafael Dill

Graduando de políticas públicas na UFRGS; e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic) do CNPq. *E-mail:* <alandill@rocketmail.com>.

DOI: <http://dx.doi.org/10.38116/td2633>

A violência doméstica é um problema de saúde pública. Dado que a violência é geralmente cometida por parceiros íntimos, há indícios que sugerem que o isolamento social resultante das respostas à pandemia de Covid-19 (Sars-COV-2) pode ter gerado aumento nos casos de violência doméstica, ao mesmo tempo que pode ter coibido o acesso a redes e serviços públicos e favorecido a privação de informação e ajuda.

Este estudo propõe um modelo baseado em agentes (ABM) preliminar, denominado VIDA, o qual tem o intuito de ilustrar e examinar fatores multicausais que influenciam eventos geradores de violência. Adicionalmente, busca contribuir com o entendimento dos fatores preponderantes e a adequação de medidas de dissuasão, mediante a consideração empírica da diversidade das regiões metropolitanas (RMs) brasileiras entre si e internamente. A construção do modelo e a exploração de diferentes mecanismos e políticas permitem considerar evidências relativas a comportamentos e motivos.

O texto considera a literatura multicausal de violência doméstica, em especial a chamada “perpetração e abuso pelo parceiro”, sobre violência crônica exercida por pessoa em posição de vantagem em relação à vítima, e a chamada “modelos de incidentes violentos”, no qual a violência é tratada como ofensa criminal e a resposta-padrão é o “modelo de controle e coerção”. As explicações causais para violência incluem teorias psicanalíticas (transmissão intergeracional e aprendizado social); teorias socioculturais (explicações de base econômica, desigualdade estrutural, e padrões de gênero); teorias criminológicas (rotinas e público-alvo); e modelos socioecológicos.

Modelos baseados em agentes são simulações artificiais feitas em ambiente computacional que buscam mimetizar os mecanismos centrais de um fenômeno sob investigação. No caso do ABM VIDA, buscou-se a formalização dos elementos constituintes da probabilidade de violência para testar a presença ou a ausência de sistemas de dissuasão e aumento da intensidade da permanência no domicílio.

De fato, a parte central do modelo reflete a criação de um indicador de *stress*, multicausal, que funciona como probabilidade de ocorrência de ataque à mulher no ambiente familiar. Esse índice incluiu variáveis exógenas geolocalizadas, tais como renda, anos de estudo, idade, cor e tamanho da família; e variáveis a serem verificadas, tais como presença ou ausência de presença prolongada na residência, posse de armas e o histórico de agressão. Ao mesmo tempo, foi implementado um sistema de dissuasão baseado em denúncia, solicitação de proteção e acusação do agressor.

VIDA foi calibrado para os números de notificações de violência coletados pelo Senado Federal para 2011. Após a análise de sensibilidade, dois testes são realizados: i) a ausência ou a presença do sistema de dissuasão; e ii) a quarentena forçada.

VIDA apresenta ordens de magnitude por áreas de concentração e áreas de ponderação para esses testes. Indica também que a quarentena pode ter aumentado a violência contra a mulher em cerca de 10%. Os resultados das simulações com VIDA sugerem ainda que locais mais populosos apresentam comparativamente menos ataques por 100 mil mulheres do que capitais menos populosas ou áreas rurais das concentrações urbanas.

As contribuições do trabalho incluem a primeira tentativa de formalizar um modelo de violência doméstica por meio de modelagem baseada em agentes, ao que parece, inexistente na literatura, que ilustra fatores socioeconômicos, demográficos, educacionais, de gênero e cor, com dados detalhados no nível intraurbano e para todas as grandes aglomerações populacionais brasileiras. Adicionalmente, todo um processo de geração de população artificial para a simulação foi criada, e está disponível, assim como todo o código do modelo, com acesso livre, em repositório público, na internet.

SUMÁRIO EXECUTIVO